

EDITORIAL

O PRIMEIRO DE MUITOS DOSSIÊS SOBRE ESPORTE E GÊNERO NA COMUNICAÇÃO

EDITORIAL

THE FIRST OF MANY SPECIAL ISSUES ON SPORT AND GENDER IN COMMUNICATION

Ana Carolina Vimieiro ¹
Tatiane Hilgemberg ²

A ampla literatura sobre gênero e esporte no Brasil e internacionalmente nos indica com clareza que o esporte é uma instituição generificada e generificadora (Knijnik, 2010; Birrell, 2000). Um dos fenômenos sociais mais característicos da vida moderna (Sevcenko, 1992) e uma das maiores instituições do Planeta por atravessar as vivências de milhares de pessoas em diversos lugares (Rubio, 2002), o esporte diz dos valores vigentes em uma dada sociedade, assim como auxilia na construção da ordem de gênero dessa mesma sociedade.

Como apontam os estudos, o futebol no Brasil, por exemplo, é uma instituição importante para a socialização, sobretudo dos meninos (Bandeira; Seffner, 2013). São nos campinhos e nas arquibancadas que eles aprendem noções importantes de honra e formas adequadas de serem homens. É o futebol também que se ensina as meninas desde novas que aquele não é o lugar delas.

A despeito do título de democrático e democratizador (DaMatta, 1982), o esporte foi, por quase todo o século XX, um fenômeno predominantemente masculino. Apesar da longa história de luta das mulheres para fazerem parte de esportes como o futebol, as modalidades nas quais elas encontraram espaço e menos empecilhos para a prática foram aquelas ligadas a noções como graciosidade e delicadeza (Goellner, 2003), o que nos revela o papel do esporte para a manutenção de formas hegemônicas de feminilidade.

Historicamente, o esporte foi espaço de controle dos corpos das mulheres através, por exemplo, da popularidade de práticas corporais como a ginástica no início do século XX (Schpun, 1997) e a articulação contemporânea do exercício físico à estética

¹ Professora permanente do PPGCOM/UFMG e coordenadora do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas (Coletivo Marta), acvimieiro@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-1911-1264>, <http://lattes.cnpq.br/8370680932684640>.

² Professora permanente do PPGCOM/UFRR e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas (Coletivo Marta), tatianehilgemberg@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-2112-0944>, <http://lattes.cnpq.br/7787909473384451>.

(Adelman, 2003). Foi também historicamente excludente com corpos dissidentes (gordos, por exemplo) e com masculinidades subalternizadas, como a histórica desconexão que homens gays sentiram e ainda sentem com a imensa maioria das modalidades esportivas revela.

Por outro lado, o esporte é, ainda, espaço de busca por auto expressão e autonomia como mostra a resistência das mulheres para praticarem futebol (Bonfim, 2019) e modalidades vistas como masculinas como as lutas. É lugar de múltiplas apropriações conforme demonstram as torcidas queer ou LGBTQIA+ no futebol (Pinto, 2017) e as organizações de campeonatos voltados para esse público no âmbito amador (Camargo, 2020).

A nomeação da recente Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2023 de “a Copa do Mundo mais gay de todas” (*The Washington Post*, 2023) – em função das mais de 100 atletas e técnicas/os abertamente LGBTQIA+ – demonstra que modalidades como o futebol de mulheres podem ser muito mais diversas do que ambientes como o futebol profissional/espetacular de homens ou modalidades muito midiáticas e altamente populares em outros países, como o rugby, o futebol americano e o basquete masculinos, em que é quase impossível para um atleta assumir identidades sexuais não hegemônicas.

No caso da mídia esportiva, a cobertura jornalística dos esportes de mulheres tem sido estudada amplamente no mundo e no Brasil desde os anos 1970 e 1990, respectivamente (Bruce et al., 2010; Devide et al., 2011). Esses trabalhos encontraram resultados razoavelmente semelhantes, ao longo do tempo, e que foram bem resumidos por Toffoletti (2016) e Vimieiro *et al.* (2023): baixo nível de cobertura e transmissão e, quando são mencionadas, as mulheres são representadas de formas banalizadas e sexualizadas que diminuem suas conquistas e/ou reafirmam papéis heteronormativos.

Mais recentemente, há mudanças significativas nesse cenário, com um aumento do nível da cobertura e transmissão e imagens mais complexas, que Toffoletti (2016) chama de “*hot and hard*” (sexy e forte), ou seja, narrativas que sexualizam corpos fortes sob uma ótica de um empoderamento despolitizado. A cobertura de esportes masculinos a partir de perspectivas de gênero e/ou outras categorias que se interseccionam com gênero, como raça, sexualidade e deficiência são lacunas na área, como revelam os dados de Vimieiro *et al.* (2023). Algumas exceções são, por exemplo, a pesquisa de Figueiredo (2014) sobre mulheres-atletas com deficiência e a de Mühlen e Goellner (2012) que compara feminilidades com masculinidades do esporte.

O dossiê **Mídia, gênero e esporte**, que com muita alegria aqui apresentamos, é fruto de uma parceria entre as professoras Ana Carolina Vimieiro, da Universidade Federal de Minas Gerais, e Tatiane Hilgemberg, da Universidade Federal de Roraima. Ambas são pesquisadoras do Coletivo Marta – Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas. Esta edição da Dispositiva se debruça sobre as relações entre gênero e esporte no âmbito da Comunicação a partir dos aparatos midiáticos e de perspectivas interacionais e relacionais, trazendo doze artigos que transitam pela temática descortinando os mais diversos aspectos históricos e interseccionais, mergulhando em

análises audiovisuais, jornalísticas nas mais variadas plataformas, lançando luz sobre modalidades distintas.

O artigo de abertura **“Pioneiras em transmissões radiofônicas de jogos de futebol no Brasil: apontamentos históricos sobre a experiência da Rádio Mulher na década de 1970”**, de Raphaela Xavier de Oliveira Ferro (UFSC), apresenta uma análise importante da *Rádio Mulher*, emissora que, durante a década de 1970, realizou transmissões esportivas, principalmente de futebol, com uma equipe formada exclusivamente por mulheres. Com poucos trabalhos que se debruçam sobre a iniciativa pioneira e que resistia não só à ditadura, mas também à proibição da participação de mulheres no futebol, a análise que trabalha com entrevistas das mulheres que se envolveram com o projeto mapeadas em pesquisas e veículos de comunicação vem fortalecer a bibliografia sobre a participação de mulheres na história do radiojornalismo esportivo.

Os dois textos seguintes, **“Cores na cobertura: o colorismo como desafio à representatividade no jornalismo esportivo”**, de Karina Santos (UFOP) e Nair Prata (UFOP), e **“Racismo e sexismo na mídia esportiva: a reprodução de discursos racistas e os regimes racializados de representação na cobertura futebolística”**, de Vinícius Oliveira (UFPE) e Soraya Barreto Januário (UFPE), dialogam ao reconhecerem que todas as mulheres são atravessadas por múltiplas identidades, entendendo que uma mulher nunca é simplesmente “mulher”. O artigo de Karina Santos e Nair Prata aponta que o racismo perpassa de diversas formas a vida profissional das jornalistas esportivas negras, uma vez que as jornalistas aceitas nessa área geralmente têm um padrão eurocêntrico. Assim, a pesquisa conclui que a ausência de mulheres negras de pele retinta no telejornalismo esportivo do Brasil pode ser resultado da ação do colorismo, preconceito que valoriza pessoas de pele mais clara e que apresentam características mais próximas das eurocênticas. Já o artigo de Vinícius Oliveira e Soraya Barreto Januário discute casos de manifestação racista pronunciadas por atores ligados aos veículos de mídia, propondo necessária reflexão acerca dos impactos causados por esses discursos e dos motivos pelos quais tais violências são recorrentes no campo da imprensa especializada.

Indicando novas formas de cobertura midiática de atletas mulheres, o quarto texto da coletânea, **“Para além de Rayssa Leal: entre a construção de um ídolo esportivo e as estratégias de visibilidade midiática do skate feminino na transmissão do Super Crown SLS 2022”**, da pesquisadora Monique de Souza Sant’Anna Fogliatto (Unesp), evidencia que durante a transmissão ao vivo do Super Crown SLS 2022 as enunciações eufóricas acerca de Rayssa Leal servem de reforço para a consolidação de sua imagem como atleta de alto rendimento e com excelente retrospecto competitivo, em um processo de construção de uma potencial ídolo esportivo de um esporte nativo marginalizado e eminentemente masculino.

Com foco na participação da jornalista Carol Barcellos no episódio *Ultramaratona do Atacama*, do programa de televisão *Planeta Extremo*, veiculado na *TV Globo*, o artigo **“No extremo da profissão: gênero feminino e o jornalismo esportivo de aventura”**, apresentado por Aélton Alves de Melo Júnior (UFF), Denise Tavares (UFF) e Luis Oscar

Calvano Colombo (UFF), discute a mulher jornalista no mercado de trabalho, principalmente no jornalismo esportivo. Os achados da análise evidenciam que a presença de Carol Barcellos como mulher jornalista especializada em esportes de aventura incorpora os atributos ideológicos associados à “nova mulher”, mas, também, paradoxalmente, algumas concepções conservadoras como o cuidado feminino para com os indivíduos masculinos em termos que emulam um longo histórico de subalternidade.

A pesquisadora Ana Lúcia Nishida Tsutsui (Unesp), com o artigo **“Vem torcer com a gente! Análise da Copa do Mundo feminina 2023 nas redes sociais do ge”**, propôs-se analisar os perfis do *globoesporte.com*, portal de notícias esportivas do *Grupo Globo*, no *Facebook*, *Instagram*, *X*, *YouTube* e *TikTok* durante o evento. A pesquisa aponta resultados ambíguos: se, por um lado, verificou uma atitude torcedora e entusiasta, de apoio e valorização em relação à competição e um cuidado maior na seleção de expressões e imagens na representação das atletas, evitando sua objetificação ou sexualização; por outro, aponta que o espaço concedido foi restrito e houve a predominância de comentários machistas, misóginos e de depreciação por parte dos seguidores dos perfis. Com esses resultados, o estudo ajuda a lançar luz sobre os desafios enfrentados pelas mulheres nas arenas esportivas.

Os quatro textos seguintes lidam com uma lacuna importante nos estudos da área de Comunicação e Esporte, em que pouco se produziu sobre representações de gênero para além do jornalismo: os objetos audiovisuais. Em **“Cheer: um documentário memorialístico para pensar as relações de poder e gênero no esporte”**, Viviane da Silva (UFMG) analisa como se dão as disputas de memória acerca dos relatos presentes nas introduções das duas temporadas da série documental *Cheer*, lançada em 2020 pela *Netflix* e que foca no *cheerleading*. Conectando com as discussões sobre memória, lugares de memória e disputas de memória, Viviane da Silva explora as narrativas da série que é composta de filmagens de treinos e entrevistas que aprofundam nas relações e vidas pessoais dos personagens. Em diálogo com a literatura sobre gênero e esporte, a pesquisadora debate como as representações de feminilidade aparecem na série, destacando as relações de poder e a violência escancaradas no esporte que afetam, principalmente, mulheres e menores de idade.

Em **“Marcas do esporte boxe feminino midiaticizado: análise a partir de *Untold - deal with the devil*”**, Viviane Limeira Azevedo Gomes (UFRN) e Geilson Fernandes de Oliveira (Uneb) focam na série nomeada no título do artigo, também da *Netflix*, que explora momentos polêmicos da história do esporte vivenciados nos bastidores de eventos esportivos como basquete, hóquei, tênis e boxe nas décadas de 1990 e 2000. A análise tem como cerne o episódio que conta a trajetória da boxeadora Christy Martin (1968-), conhecida no mundo do boxe não apenas pelo seu desempenho no ringue, mas, também, por diversas situações conflituosas envolvendo a sua vida pessoal, por exemplo, o fato de ter sido baleada e esfaqueada por seu ex-marido e ex-treinador Jim Martin. O trabalho dialoga com conceitos como midiaticização e com perspectivas de gênero para olhar para as construções discursivas e narrativas produzidas pela série em torno da atleta. Alguns dos apontamentos advindos da análise se referem aos traços de

feminilidade que a boxeadora precisava exibir para se tornar mais palatável midiaticamente e como a produção mobiliza um certo discurso de superação das mulheres no esporte para provocar identificação e interesse do público.

Já em **“Do precário partilhado à reorganização do sensível: dissensos em documentários brasileiros sobre futebol”**, Francisco Alves Júnior (UFRB) e Jorge Cardoso Filho (UFRB) fazem uma leitura comparativa de três documentários brasileiros, *Subterrâneos do futebol* (Maurice Capovilla, 1965), *Fora de campo* (Adirley Queirós, 2009) e *Bola na trave: o futebol feminino no Brasil* (Bianca Vendramini, Giovana Duarte, Marina Bufon, Nicole Kloeble, 2020), buscando entender mudanças e permanências estéticas na realização de documentários brasileiros sobre o futebol. Os autores examinam a concepção de cena de dissenso do filósofo francês Jacques Rancière e buscam expor as relações de poder entre sujeitos que compõem os enredos. Por exemplo, *Bola na trave* se dedica a pensar a precariedade da profissão da atleta mulher do futebol feminino, modalidade que mesmo atualmente é vista com desconfiança pelos patrocinadores e espectadores, o que parece reforçar a ideia de que mulheres não são capazes de produzir identificações, emoções e engajamento. Os pesquisadores estabelecem aproximações e distanciamentos entre os documentários, levando em consideração que foram produzidos em épocas diferentes e contam com estratégias poéticas diversas.

O último texto dedicado ao audiovisual é **“Esportes e relações de gênero e sexualidade em *Heartstopper*: atuação de imagens de controle e movimento de autodefinição”**, de Pedro Augusto Pereira (UFMG). O artigo se dedica a analisar a mencionada série, focando em como os esportes ajudam a determinar *hierarquias* e papéis de gênero entre os personagens. *Heartstopper* é uma produção original da Netflix no estilo “garoto encontra garoto” e é centrada em dois personagens, Charlie Spring (Joe Locke) e Nick Nelson (Kit Connor) que se conhecem e se apaixonam num colégio exclusivo para rapazes. No artigo, Pedro Augusto Pereira se baseia nos conceitos de imagens de controle e autodefinição da socióloga estadunidense Patricia Hill Collins para olhar para as relações do protagonista, Charlie, com os esportes, sobretudo a partir da entrada dele no time de rugby da escola. Como afirma o pesquisador, o rugby aparece na história como definidor do que é ser homem de verdade, da heterossexualidade e da virilidade.

Os trabalhos finais do dossiê estabelecem diálogo com o artigo de Pedro Pereira ao também tematizarem gênero e sexualidade com foco, porém, no futebol e em outros objetos empíricos. Soraya Bertoncello (PUC-RS) em **“Da Coligay ao ‘Clube de Todos’: os discursos institucionais do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense sobre diversidade sexual”** analisa 17 postagens feitas pelo clube gaúcho em seu *Instagram* oficial de 2019 a 2023 e que têm como tema central as sexualidades não hegemônicas. A potência de se olhar para os discursos especificamente desse clube estão, diz a autora, em elementos como o mito do gaúcho macho, o entendimento de que no Rio Grande do Sul se pratica um futebol mais viril e na existência da Coligay, torcida gremista formada por homens gays na década de 1970. Dialogando com a literatura sobre masculinidades,

Soraya Bartoncello aponta que as publicações sobre o assunto são ainda raras e provocadas principalmente por datas comemorativas e situações pontuais.

O último artigo, de Ana Júlia Amorim Oliveira (Ufop) e Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça (Ufop/UFMG), "**O árbitro Igor Benevenuto e a saída do armário no futebol: disputas de sentidos em redes digitais**", como bem anuncia o título foca no ato raro no futebol profissional de homens no Brasil em que um de seus atores expressa publicamente que é gay. Trata-se do anúncio, ocorrido no podcast *Nos armários dos vestiários do Globo Esporte (GE)*, que teve bastante repercussão em 2022. É justamente para as reverberações do anúncio que os autores se voltam, ao analisarem os comentários feitos na divulgação do podcast no perfil oficial do GE. Ana e Felipe identificam três constelações de sentido "Futebol não é lugar de bicha", "Preconceito duplo" e "Representatividade importa", que revelam as possibilidades e impossibilidades de ser gay no mundo do futebol brasileiro.

O dossiê ainda conta com uma entrevista e uma resenha. A entrevista, intitulada "**Pesquisa, ativismo e memória: reflexões sobre o estudo do futebol de mulheres no Brasil**", é conduzida por Rafaela Cristina de Souza (UFMG), João Vítor Nunes Marques (UFMG) e Olívia Pilar (UFMG) com uma das pesquisadoras mais importantes da subárea de esporte e gênero no Brasil: a professora aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e atualmente professora visitante na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Silvana Goellner. Silvana tem uma vasta produção acadêmica na área e tem se engajado em diversas ações ativistas em defesa do futebol de mulheres. Em trabalho recente, Vimieiro e colegas (2023) identificaram que Silvana Goellner é a autora com o maior número de trabalhos e o maior número de citações em artigos sobre gênero e esporte publicados em periódicos brasileiros de 2000 a 2020.

A resenha "**Uma luz sobre a história centenária das mulheres no futebol brasileiro**", de Érika Alfaro de Araújo (Unesp), debruça-se sobre a importante obra *Futebol Feminino no Brasil: entre festas, circos e subúrbios*, uma história social (1915-1941), de 2023, de Aira Bonfim. Fruto do mestrado da autora, finalizado em 2019 no Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ), a obra de 2023 apresenta fontes históricas inéditas em uma proposta cuja ideia central é a de contar histórias das mulheres que jogaram bola nos primórdios da modalidade no Brasil, antes mesmo de a prática ser proibida por lei no território nacional, o que aconteceu em 1941. Aira analisa as narrativas da imprensa sobre o futebol de mulheres e os materiais do acervo do Centro de Memória do Circo. Uma das visadas mais inovadoras do trabalho é justamente olhar para a presença de mulheres jogando futebol em espetáculos circenses.

Destacamos que este é o primeiro dossiê de uma revista da Comunicação no Brasil sobre esporte e gênero. Esperamos que venham muitos outros no futuro. Nós, editoras, fizemos um esforço para que o resultado final contasse com uma diversidade de autoras e autores, instituições, perspectivas teóricas, objetos empíricos e modalidades esportivas. Acreditamos que deu certo. Vale ressaltar a riqueza de objetos empíricos e modalidades exploradas: relatos/entrevistas de mulheres jornalistas esporti-

vas, imagens de mulheres negras que atuam no telejornalismo esportivo, falas racistas proferidas por jornalistas esportivos em meios de comunicação e nas mídias sociais, transmissões televisivas de campeonatos, quadros especiais em programas televisivos, séries audiovisuais documentais e ficcionais, filmes documentários, perfis oficiais de veículos de comunicação e conversas de pessoas comuns nas redes sociais digitais e, por fim, a comunicação institucional de clubes de futebol. Ainda que a maioria dos textos seja sobre futebol de forma direta ou secundária, tivemos, também, a satisfação de poder publicar artigos sobre skate, esporte de aventura, *cheerleading*, boxe e *rugby*.

Dois artigos livres completam este 23º número da revista **Dispositiva**. Em "**A retórica publicitária em torno da I.A. Generativa de texto: uma análise da campanha brasileira da ferramenta Bard (Google)**", Renato Gonçalves Ferreira Filho, da ESPM-SP, volta-se para os sentidos atribuídos pela *Big Tech* à sua ferramenta de inteligência artificial generativa de texto. Analisando anúncios veiculados na mídia social X (antigo *Twitter*), o autor identifica os quatro principais aspectos da campanha sobre o *Bard*: super humanização, didatismo, trivialidade cotidiana e otimização de recursos.

Já o trabalho "**Jornalismo científico em ambiente multiplataforma: as narrativas espreiadas do Ciência USP**", de Daniela Savaget e Maurício Guilherme Silva Jr. (ambos do Centro Universitário UNA), investiga os elementos que compõem a narrativa convergente no site e em quatro mídias sociais do projeto vinculado à Universidade de São Paulo. As temáticas abordadas e as vozes ouvidas e silenciadas no jornalismo científico também são parte da discussão proposta pelos autores.

Esta edição foi produzida com recursos do Edital 005/2022 – Apoio a ações de divulgação da ciência, da tecnologia e da inovação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), Processo APQ 02807-22, do Projeto "Da comunicação à divulgação científica: plataformas de mídias sociais para popularização do conhecimento científico publicado na revista **Dispositiva**". Contou, ainda, com recursos do edital 008/2023 – Programa de Apoio a Publicações Científicas e Tecnológicas, Projeto APQ 04928-23, intitulado "Aperfeiçoamento editorial e novas práticas de editoração e divulgação da revista **Dispositiva**".

Boa leitura!

Referências

ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, v. 11, p. 445-465, 2003.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, v. 14, n. 29, p. 246-270, 2013.

BIRRELL, Susan. Feminist theories for sport. In: COAKLEY, Jay; DUNNING, Eric. **Handbook of sports studies**. London: Sage, 2000. p. 61-76.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019. 213 f. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

BRUCE, Toni; HOVDEN, Jorid; MARKULA, Pirkko. Key themes in the research on media coverage of women's sport. In: BRUCE, Toni; HOVDEN, Jorid; MARKULA, Pirkko. **Sportswomen at the Olympics**: A global content analysis of newspaper coverage. Rotterdam: Sense Publishers, 2010. p. 1-18.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Dimensões de gênero e os múltiplos futebóis no Brasil. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2020. p. 589-604.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p. 19-42.

DEVIDE, Fabiano Pries et al. Estudos de gênero na educação física brasileira. Motriz: **Revista de Educação Física**, v. 17, p. 93-103, 2011.

FIGUEIREDO, Tatiane Hilgemberg. Gênero e Deficiência: Uma análise da cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 2, p. 484-497, 2014.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Física. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Gênero e esporte**: masculinidades & feminilidades. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MÜHLEN, Johanna Coelho Von; GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site Terra. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, p. 165-184, 2012.

PINTO, Mauricio Rodrigues. **Pelo direito de torcer**: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol. 2017. 126 f. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

RUBIO, Kátia. Do olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 16, n. 2, p. 130-143, 2002.

SCHPUN, Mônica Raisa. Códigos sexuais e vida urbana em São Paulo: as práticas esportivas da oligarquia nos anos vinte. In: SCHPUN, Mônica Raisa. (org.). **Gênero sem fronteiras**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997. p. 45-71.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

TOFFOLETTI, Kim. Analyzing media representations of sportswomen – Expanding the conceptual boundaries using a postfeminist sensibility. **Sociology of Sport Journal**, v. 33, n. 3, p. 199-207, 2016.

VIMIEIRO, Ana Carolina; EUGÊNIO, Flaviane Rodrigues; SOUZA, Olívia Luiza Pilar de. A produção acadêmica sobre mídia, gênero e esporte no Brasil (2000-2020): reflexões a partir da Comunicação. **Revista Eco-Pós**, v. 26, n. 3, p. 196-222, 2023.